

homem comum

revista **D'ART**

n° 11 - abril/2004

## O homem comum

Ciro Marcondes Filho

Assistimos de alguns anos para cá à emergência do homem comum na televisão, no cinema, na literatura, nas oportunidades de aparecimento público da internet, em suma, em todos os meios de difusão pelos quais as pessoas hoje em dia tomam contato com o mundo. São os *big brothers*, o humor televisivo das câmeras indiscretas, as *webcams* transmitindo para o mundo a intimidade de casais, os programas de alta audiência em que as pessoas vêm expor ao mundo a tristeza ou a podridão de suas vidas cotidianas; hoje todos tornaram-se atores e personagens, dissolvendo-se a separação entre espaço cênico e público. O acontecimento estético dilui-se na tragédia do cotidiano.

O homem comum e sua incrível promoção atual são sinais de uma mudança cultural sem precedentes. O esvaziamento do distanciamento da representação – o homem comum como ator e personagem de sua própria miséria, os corpos transformando-se eles mesmos em “obras de arte”, a metamorfose de cada um num cantor, num escritor, num realizador – põe em xeque não apenas o componente reflexivo da fruição estética. O desaparecimento da obra enquanto objeto estimulador e provocador de estados de espírito e de sensibilidades adormecidas ou atrofiadas cede espaço para o uso lúdico, esportivo das possibilidades da emoção e do envolvimento. O que permitia a evocação, a estimulação, o trazer à superfície das emoções e das paixões é substituído pelo jogo inconseqüente, que nos mantém em nossa dispersão, em nosso devaneio inútil e inofensivo.

O homem comum ocupa o lugar da própria obra, destrona-a, instala em seu lugar a imediatez do *nonsense*, da pobreza, da tristeza. E tudo isso envolvido no espírito dos novos tempos, do riso cínico e indiferente, de um tanto-faz perverso que se instalou nas consciências decepcionadas e frustradas com um porvir mais nobre para a espécie.

A questão do homem comum está por isso visceralmente associada ao declínio da sensibilidade estética, mas de uma nova forma, distinta da que apontavam os teóricos críticos da indústria cultural. Naquela época, diante do surgimento da televisão, dos gostos duvidosos do público, da crescente deselitização das produções culturais, os homens cultos, angustiados com a

emergência da chamada vulgaridade midiática, apelavam para a manutenção anacrônica dos valores estéticos em decomposição. Lutavam contra uma tendência que não apenas massacrava uma certa *finesse* do gosto estético, mas que, ao mesmo tempo, massificava o bem cultural com aquilo que para eles significava o esvaziamento da força embutida na sua unicidade.

Mas eram batalhas contra moinhos de vento, pois, mesmo dentro do próprio grupo, personagens como Walter Benjamin se entusiasmavam com as possibilidades de o homem comum, a partir da assimilação de filmes como *Tempos modernos*, tornar-se consciente de sua própria exploração e se organizar para reivindicar seus direitos e sua participação na riqueza social.

É que as novas tecnologias, no seu aparecimento, suscitam reações opostas, quer de uma euforia desmedida, quer de uma posição cautelosa e desconfiada. Parece claro que as tecnologias não são neutras, que não são meros instrumentos que servem igualmente a múltiplos senhores, mas que alteram efetivamente comportamentos, habilidades, organizações psíquicas. Mas é também evidente que a inquietude social busca também por meio delas manifestar seu protesto, seu inconformismo, seu mal-estar.

O problema, portanto, não está aí, mas numa certa mudança profunda na própria relação do homem com seu objeto estético. A emergência do homem comum é o resultado de um longo trabalho de transformação do conceito de humano que herdamos e que tivemos de carregar como fardo, geração após geração.

É isso ultrapassa a questão das novas tecnologias, pois não se trata de comentar os posicionamentos daqueles que se encantam com as técnicas contra os que as criticam. A questão da técnica vai muito mais longe do que a própria técnica. Quando Nietzsche fala de decadência, ninguém pode acusá-lo de tentar recuperar nostalgicamente uma era gloriosa e triunfante de orgia antropocêntrica. A decadência está no comportamento que antecede ou está em outro lugar, que não na técnica. O homem telemático, o desinvestimento do corpo e o investimento no abstrato, nas fantasias mentais, são um retorno

ao ideal ascético do cristianismo, adequado hoje à ética positivista dos surfistas e navegadores da rede. É antes uma fênix tecnológica, marcada pela ideologia do puro, do certo, do exato, que passou a se chamar tecnofascismo do virtual.

O homem comum é o personagem daquilo que Nietzsche caracterizava como uma época fraca. Em *Além do bem e do mal*, ele fala da mentalidade modesta, equânime, submissa, igualitária, da mediocridade dos desejos, que obtém fama e honra morais. Arthur Kroker, na mesma trilha, diz que os atuais niilistas passivos são dirigidos pelo desespero por meio de seus instintos, rotos e esfarrapados, a um estilo predatório de comportamento e de autodestruição. O tédio telemático lhes traz uma inusitada sensação de vazio existencial.

A questão, portanto, do homem que temos à nossa frente neste início de milênio, já superou em muito a discussão da técnica; ela alcança o plano do próprio sentido da sensibilidade humana e das mudanças que vêm da ruptura da relação estética. Talvez tenhamos que fazer um recuo para poder captar toda a dimensão dessa mudança das sensibilidades que fez chegar até nós o homem comum como produtor e fruitor do produto estético.

Admitamos a hipótese de Marx, de que os antigos gregos eram "crianças normais", porque – no caso dos pré-socráticos – sua relação com a natureza ainda era de caráter objetivo, sem a elaboração de categorias abstratas idealizadas, que vieram marcar a filosofia posterior. Esse desprendimento permitiu que deles surgisse uma certa relação com o mundo ainda desprovida das mistificações metafísicas que iriam reduzir sua existência a um fato desprezível.

Mesmo após o período dos grandes filósofos idealistas daquela época, ainda não havia um conceito denso de homem, que o pudesse separar positivamente em relação aos deuses. O homem determinava-se confrontando-se com o que lhe era superior, diferenciando-se dos animais e posicionando-se no universo. Ele definia-se pela sua *psiqué*, ou simplesmente por sua personalidade moral e intelectual, conforme Sócrates. Nada havia, portanto, da concepção antropocêntrica, da forma como a conhecemos, que era estranha ou, no máximo, marginal para a época.

Em todo o período posterior de pelo menos dez séculos de domínio teológico-cristão, da mesma forma, a importância do homem foi diluída na de criatura, aquele cuja obra divina engendrou. Nós só assistimos ao nascimento de uma nova concepção de homem a partir da era moderna, especialmente pela tradição cartesiano-kantiana, que lhe confere a condição de transcendentalidade: o homem em Kant não se reduz ao empírico, possui uma "dignidade" que estaria acima das leis da natureza.

Evidentemente foi preciso uma rigorosa revisão desse grande equívoco por parte do pensamento ocidental, realizada tanto pelos pós-kantianos, como Husserl, quanto pelos empiristas, que jamais aceitaram a trajetória de Descartes a Kant e Hegel da filosofia idealista e buscaram suas bases teóricas mais atrás, vinculando-as à filosofia analítica do início do século XX.

Fora da filosofia propriamente dita, Marx, Freud e Darwin representaram momentos relevantes na tentativa de livrar a mentalidade social da época das mesmas ilusões antropocêntricas que queriam resguardar uma importância diferenciada do homem em relação ao resto da Criação. Junto com eles e à margem da filosofia oficial, impunha-se Nietzsche, na *Ciência feliz*, ao dizer que o eterno relógio de areia da existência viraria sempre e, com ele, o homem, essa micropoeira da poeira.

Assim foi bombardeado o princípio iluminista de enaltecimento desproporcional do homem, estratégia esta que deu possibilidade ao surgimento de um pensamento dito "estrutural", no qual o humanismo foi varrido e a importância dos homens ficou reduzida a quase nada. Acertavam-se os ponteiros com a realidade: o homem do início do século XX era o homem da massa, que se perdia na profusão de semelhantes, personagem secundário, mero figurante no jogo das potências e das máquinas de destruição da Segunda Guerra.

O fim do Projeto Moderno, ocorrido com o evento apocalíptico da barbárie nos campos de extermínio e nas bombas atômicas, enterrou definitivamente as ilusões ontológicas do homem. Na dita "natureza humana" não havia nada de sólido, denso, espiritualmente elevado. Os homens não merecem o enaltecimento de que foram objeto

na modernidade. O *Grande Inquisidor*, de Dostoiévski, “corrige” o equívoco de Cristo: “o homem é mais fraco e mais vil do que pensavas”. A ele basta, continua o Grande Inquisidor, uma felicidade mansa e humilde, uma felicidade adaptada a criaturas fracas.

E aqui reatamos de novo com o homem comum. Em vez do homem artificialmente elevado e enobrecido da era moderna, encontramos, na era tecnológica, um homem fraco, emagrecido, inconsistente. E as novas tecnologias vêm exatamente deixar transparente essa ausência de substância. Não que venham ocupar o lugar dos homens, como quer a crítica ingênua. As novas tecnologias de comunicação têm a capacidade de fazer transparecer a insignificância do homem. Elas tornam isso muito mais visível e incontornável.

Inclusive, pela disponibilização dos equipamentos para que as pessoas possam fazer sua arte, seus filmes, sua literatura, em suma, para que a atividade estética possa se tornar tão trivial quanto riscar um fósforo; por tudo isso elas deixam tragicamente notório o nada que preenche esse mesmo homem.

Por isso, o declínio da sensibilidade estética. Quando todos podem produzir a arte, a música, a encenação,

não há mais arte, música, encenação. Tudo se mistura numa massa amorfa e sem resultados. O distanciamento é importante, a possibilidade de efeitos estéticos sobre as pessoas tem a ver com o estranhamento, com o choque, com a força do impacto que possa evocar nelas mesmas as forças que não conheciam e que as surpreendem. Não há possibilidade estética sem esse jogo com o inesperado, com o impactante, com tudo aquilo que escapa à nossa cotidianidade e ao nosso controle.

Há uma magia no produto estético, uma mística que está além da própria obra e que se insere no espaço intermediário entre a execução e a minha apreensão. Entre o que vejo e o que se expõe à vista, entre o que eu toco e aquilo que pertence ao campo da tangibilidade. Esse espaço mágico dilui-se quando o homem comum é produtor e produto, quando desaparece o mistério, quando a produção estética se perde na trivialidade do mesmo.

Dalva Thomaz, num dos ensaios desta revista, refaz a pergunta brechtiana do começo dos anos 30: “A quem pertence o mundo?”. O mundo pode pertencer aos homens, inclusive aos homens comuns, mas é preciso que a ativação de sua sensibilidade não lhes pertença, que ocorra em outro lugar, no objeto estético que o seduz, o convida para conhecer mundos estranhos, desconhecidos, inimagináveis, extraordinários...

Ciro Marcondes Filho é professor do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA/USP e coordenador, na mesma Escola, do NJR e do FiloCom (Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação).